

## *A Utilidade do Inútil. Um Manifesto,* de Nuccio Ordine

São Paulo: Zahar, 2016. 223 p. Tradução: Luiz Carlos Bombassaro.

**José Raimundo Gonçalves da Silva**

Doutorando em Educação no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE-UNINOVE) Linha de Pesquisa Educação Popular e Culturas (LIPEPCULT).  
Jr-silva1970@uol.com.br

Nuccio Ordine é um filósofo, professor e crítico literário italiano, nascido na cidade de Diamante em 1958. Atualmente é professor de Literatura Italiana na Universidade da Calabria na Itália. Também é pesquisador do Centro de Estudos da Renascença Italiana da Universidade de Harvard e da Fundação Alexander von Humboldt. O filósofo é um dos mais importantes estudiosos da Renascença na atualidade, especialmente sobre o filósofo Giordano Bruno. É Secretário Geral do Centro Internacional de Estudos Brunianos, membro do Conselho Científico do Instituto Italiano para os Estudos Filosóficos e do Comitê Científico da Albertiana, também é articulista do jornal *Corriere della Sera* e do *Journal de La Renaissance*. Obras: De todo trabalho de Nuccio Ordine apenas três livros foram publicados no Brasil: *A Utilidade do inútil*, *A Cabala do Asno* e *O Umbral da Sombra*.

Numa época em que a Educação está sendo cada vez mais direcionada para os aspectos práticos, mercantilistas e profissionalizantes, e que a possibilidade de humanização pelo ato de educar se torna ainda mais distante diante das regras mercadológicas impostas, o livro “*A Utilidade do Inútil*” do filósofo italiano Nuccio Ordine tem um valor inestimável pelo tema que trata. O livro não trata especificamente de Educação, mas como o filósofo é também professor, a todo momento percebemos que seu livro traz esse aspecto educativo, desprovido de didatismo, mas buscando mostrar que o conhecimento não é apenas uma ferramenta para o utilitarismo mercadológico.

O livro tem o subtítulo “Um Manifesto”. Na verdade, ele foge desse aspecto conhecido que tratam os manifestos, geralmente elaborados sob uma ótica ideológica que determina seu posicionamento ante aquilo que as ideias conduzirão

contrariamente. Mas se colocarmos sob uma ótica em que para ser um manifesto não é necessário um posicionamento ideológico de modo sectário, pois qualquer posicionamento já é ideológico em si, o subtítulo funciona de maneira correta, pois o autor não se coloca sectariamente ante as questões que o livro trata, mas se posiciona criticamente em relação ao que pretende falar sobre esse ‘elemento’ que é tido como inútil nesse período que vivemos. O autor afirma que sentiu necessidade de colocar esse subtítulo por seu posicionamento de militante em relação ao tema.

O adjetivo “inútil” que está no título do livro trata-se da representação atual, que o autor acredita ser, uma forma de representação do substantivo “conhecimento” na sociedade atual. Ao colocar um título tão veemente em relação à função do conhecimento na atualidade, poderia se esperar um livro com certa dose de crítica veemente direcionada à sociedade que privilegia a aparência ao invés dos elementos ontológicos que o autor coloca como essenciais na vida. Mas o autor não utiliza nenhum elemento de fúria para tratar das questões, pelo contrário, ele busca dialogar de uma maneira serena, muitas vezes levemente irônicas, com essas questões que conduzem de maneira quase doentia as necessidades humanas.

O livro é dividido em três partes: a primeira chama-se “A útil inutilidade da literatura”; a segunda “A universidade empresa e os estudantes clientes”; e a terceira chama-se “Possuir mata: dignitas hominis, amor, verdade.” O livro ainda conta com um apêndice intitulado “A utilidade do conhecimento inútil”, um ensaio que foi escrito pelo cientista e pedagogo estadunidense Abraham Flexner. Em cada uma das partes o autor busca no pensamento dos autores uma seleção de aforismos e frases, devidamente contextualizadas e evidenciando a atualidade de todas elas. O autor busca mostrar como o conhecimento pode ser uma importante ferramenta de transformação na vida das pessoas. Através das citações vai mostrando como a humanidade se constrói e de como a cultura e o conhecimento é que definitivamente conduzem aos aspectos positivos das mudanças.

Na primeira parte, na qual o autor trata de literatura, ele afirma que *‘as disciplinas humanísticas passaram a ser consideradas inúteis, não somente nos currículos escolares, mas sobretudo nos orçamentos governamentais e nos recursos das entidades privadas’*; e responde perguntando: *‘Por que empregar dinheiro num âmbito condenado a não produzir lucro? Por que destinar recursos a saberes que não trazem uma vantagem rápida e tangível?’* Desta forma, o autor está se posicionando contrariamente às mudanças curriculares que privilegiam as disciplinas que condicionam os currículos utilita-

ristas para inserção num mercado cada vez mais desprovido de valor humano. O autor critica as escolas que não conseguem mais fugir do mecanismo mecanicista e mercadológico do conhecimento. Que gera seres devidamente programados para serem meros utilitários de funções específicas na sociedade.

O autor coloca a literatura como uma das formas mais grandiosas de se desenvolver o conhecimento, pois na literatura o conhecimento é colocado de forma ficcional e isso plasma uma dupla função, pois o conhecimento vem de forma criativa e não didática. Ao mesmo tempo, numa sociedade em que o utilitarismo se faz cada vez mais presente, a literatura passa a ter quase o valor de uma perfumaria, no sentido em que se atrela ao mecanismo da superfluidade. Ordine inicia a desconstrução desse pensamento buscando elementos significativos dentro de grandes clássicos, desde Sócrates, abrangendo também alguns autores mais recentes, que tratam especificamente do tema da suposta inutilidade do conhecimento pela literatura e arte em geral. O autor cita vários trechos de obras, entre eles: Platão, Aristóteles, Shakespeare, Cervantes, Montaigne, Kant, Ovídio, Baudelaire e outros, buscando neles a legitimação de suas afirmações à grandiosidade do valor da arte na condução da vida das pessoas.

Entre tantas citações destacam-se algumas memoráveis: a anedota de Foster Wallace sobre os peixes e a água, o penico de ouro na Utopia de Thomas More e outras. Ordine cita o poema “O Albatroz” de Baudelaire que é muito significativo para se compreender essa imagem inútil do poeta para a sociedade, no qual o poeta francês relaciona a imagem do poeta à do pássaro, que, quando está no céu é a própria beleza encarnada com seu vôo maravilhoso, mas quando é capturado pelos marinheiros no convés do navio é ridicularizado por sua dificuldade de caminhar. Assim o poeta também é visto pelas pessoas, como algo que mal consegue se locomover conforme o comportamento estabelecido como regra. Ordine encontra elementos que instigam a valoração da arte como transformadora até nos textos de um filósofo tão pessimista como Emil Cioran.

Na segunda parte do livro o autor fala de questões relacionadas à Educação e mercantilização dos estudos. Ordine inicia o capítulo falando de como o clientelismo tomou conta de Harvard e que até na mais respeitada universidade do mundo o sistema que conduz a gestão está se aparelhando como se fosse uma empresa que oferece cursos atraentes que possibilitam uma entrada rápida no campo de trabalho. O autor não nega a importância de um ofício e de como isso é representativo na construção social, mas também mostra que o homem é muito

maior que seu ofício. Nessa medida, cita um discurso do escritor Victor Hugo na Assembleia Constituinte, no qual o escritor francês critica uma medida de cortes de gastos com a cultura, mostrando a ineficácia de tal medida e podendo trazer a barbárie quando se deixa de investir nessa área.

Para Ordine não há necessidade específica de um direcionamento mercadológico nos estudos, pois todos se adequarão às necessidades específicas que cada aluno busca e que o saber em si mesmo se revela benéfico na sua totalidade no espírito de quem o adquiriu. Até mesmo o ensino de línguas antigas sofre com a deformidade que define a necessidade das línguas utilizadas para o mercado. O autor cita um trecho de Cadernos do Cárcere de Gramsci para mostrar o quão importante é o aprendizado de línguas antigas como o latim. Inclusive, para ser e conhecer conscientemente a si mesmo. Compara essa irresponsabilidade em relação a apagar o passado como o próprio ato de expulsar definitivamente da Terra a deusa Mnemosine, mãe de todas artes e de todos os saberes na mitologia greco-romana. Da mesma maneira este esquecimento parece se abater sobre os clássicos, que já não são tão requisitados como antes e o caminho mais rápido e os atalhos que são oferecidos partem dessa praticidade que só esvazia toda possibilidade grandiosa de conhecimento.

A terceira parte do livro não tem a mesma dimensão das duas anteriores, mas traz o tema mais caro ao ato de vivenciar o conhecimento. O título do capítulo é: “possuir mata: dignitas hominis, amor, verdade”. O autor fala sobre essa dignidade e relação profunda de experienciar o conhecimento que envolve amor e verdade que tem um peso imenso e essencial para a existência humana. Os sub-temas do capítulo por si sós deixam claro que o autor se entristece demasiado com as perspectivas trazidas por essa postura de empobrecimento do espírito ante o afastamento daquilo que o conhecimento pode oferecer: “dignitas hominis: a ilusão da riqueza e a substituição da sabedoria”; “amor para possuir mata o amor” e “possuir a verdade significa matar a verdade”.

A última parte do livro é um apêndice. É um ensaio do cientista e pedagogo Abraham Flexner chamado “A utilidade do conhecimento inútil”. O ensaio é iniciado falando sobre a importância da curiosidade. Ou seja, que ela traz uma das características mais marcantes do pensamento moderno. O ensaio fala basicamente sobre a importância de se desenvolver pesquisas sem que o utilitarismo seja uma obsessão ao seu desenvolvimento, pois algumas das mais importantes mudanças sociais se deram mediante pesquisas pessoais que não tinham essa

perspectiva utilitarista. Outro fato que chama atenção sobre essa relação profunda e democrática do autor com o conhecimento é sua generosidade em abrir espaço para um apêndice de outro autor num trabalho autoral.

O livro de Nuccio Ordine encanta tanto pelo tema que aborda, quanto por sua excelente escrita. A necessidade de reflexões acerca do tema se tornam cada vez mais urgentes, já que percebemos que a cultura da aparência e do status social estão sufocando cada vez mais os elementos essenciais da vida do ser humano em relação ao conhecimento que são os elementos ontológicos. A aquisição de conhecimento, como coloca o autor, não é tão necessária numa época em que a aparência se tornou uma obsessão na vida das pessoas. Em que o conhecimento com sua invisibilidade (não classificável na aparência) não faz tanto sentido. Enfim, numa sociedade que enfatiza o endeusamento do que se estrutura no meramente palpável e aparente.